

Divulgação



Um velho hábito

Onda de investimentos e novas regras de IPI não evitam demissões em montadoras como a GM, de **Gracie Lieblein**. ➔ P26

Cifras e cifrões

Governo quer agora estatizar até os direitos autorais no Brasil, hoje controlados pelo Ecad. ➔ **Leia no Mosaico Político P3**

Classe média de países emergentes ganha 50 famílias por minuto

Cálculo da Universidade Estadual da Geórgia, nos Estados Unidos, indica que 125 milhões de famílias vão ascender socialmente até 2015 nos países do Brics. Traduzindo para o mundo dos negócios, esse fenômeno criará consumo de US\$ 17 trilhões. ➔ P4

Julia Moraes/Folhapress

Eternit vai produzir louças sanitárias

Nova fábrica, no interior do Ceará, é fruto de associação com grupo colombiano Corona. ➔ P18

Élio Martins, presidente da Eternit: investimento de R\$ 97 milhões



Hermès abre nova loja em São Paulo em 2013

Grife francesa que cresce 20% ao ano, aposta em países como o Brasil para expandir os negócios. ➔ P20

Cristina foi reeleita, apontam pesquisas

Juan Mabromata/AFP

A presidente argentina, Cristina Kirchner, será reeleita com 55% dos votos, segundo pesquisa de boca-de-urna. O governador de Santa Fé, Hermes Binner, teve 14% dos votos ➔ P36



A crise que ninguém vê

Preocupados com a evolução de sua dívida pública, governos da Europa esquecem de olhar para o déficit fiscal e para as relações comerciais com outros países. ➔ P8

➔ Líderes europeus defendem ampliação do fundo de resgate aos países em crise. ➔ P40

Fabricante americano de telões mostra sua imagem no Brasil. ➔ P18

Real forte leva inflação à meta em 2012. ➔ P30

INDICADORES 21.10.2011

BOLSAS	VAR. %	ÍNDICES
▲ Bovespa - São Paulo	2,31	55.255,23
▲ Dow Jones - Nova York	2,31	11.808,79
▲ Nasdaq - Nova York	1,49	2.637,46
▲ S&P 500 - Nova York	1,88	1.238,25
▲ FTSE 100 - Londres	1,93	5.488,65
▲ Hang Seng - Hong Kong	0,24	18.025,72

Ata do Copom e crise na Europa guiam investimentos

Investidores buscam sinais no documento do BC, divulgado na quinta-feira, sobre o tamanho de ajuste nos juros. Aprovação do pacote europeu também está no radar. ➔ P32

Fly Business

COLT AVIATION

+55 11 96847779

+55 31 38147888



@coltaviation

www.coltaviation.com.br

DESTAQUE **ASCENSÃO EMERGENTE**

Classe média ganha 50 famílias por minuto

Esse ritmo, que começou a ser identificado no ano passado entre as principais nações em desenvolvimento, deve se manter ao menos até 2015

Cláudia Bredarioli
cbredarioli@brasileconomico.com.br

Por minuto, cerca de 50 famílias se somam à classe média nas principais nações emergentes do mundo. Esse ritmo — calculado pelo professor Tamer Cavusgil, do Centro de Pesquisa e Educação em Negócios Internacionais, da Universidade Estadual da Geórgia, nos Estados Unidos — começou a ser identificado no ano passado e deve se manter ao menos até 2015. É exatamente essa força de consumo que tem sustentado o crescimento econômico de países como os que formam o Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

Dentro dessa expectativa, deverão ser inseridas à classe média aproximadamente 125 milhões de famílias nos países emergentes entre 2010 e 2015. No momento atual, que marca a proximidade da metade deste período, o que já se percebe é o fortalecimento da tendência de alteração do foco de poder na geopolítica global.

“A classe média de 25 países emergentes permitiu que essas nações assumissem uma responsabilidade muito maior no contexto da economia global”, afirma Cavusgil. “Chega a ser irônico pensar que há cerca de duas décadas esses países eram vistos como os ‘bad boys’ da economia mundial. Eles eram pobres e não administravam bem seus estados.”

Segundo ele, a perspectiva é de que essa transformação esteja aqui para ficar por um bom tempo. Países como Coreia do Sul, Cingapura ou Hong Kong, que passaram antes por esse processo de mudança estão na frente de outros — pois deixaram de ser emergentes e estão agora um passo à frente —, mas todos os emergentes passarão por isso cedo ou tarde.

“O tamanho dessas economias ganha vulto justamente em razão de seu grande potencial de consumo, que abre muitas possibilidades”, diz Reginaldo Nogueira, do Ibmecc. “Mas o padrão de consumo nesses países dificilmente será o mesmo que o europeu ou o americano”.

Isso se deve, de acordo com Nogueira, ao fato de que poderá haver redução do poder de com-



O tamanho dessas economias ganha vulto justamente em razão de seu grande potencial de consumo, que abre muitas possibilidades

Reginaldo Nogueira
Especialista do Ibmecc

pra e aumento do desemprego nos países centrais no curto prazo. Porém, com a tendência de rearranjo dessas economias, elas tendem a recuperar seu peso no comércio e no consumo.

Para Vitor Wilher, do Instituto Millenium, é natural que os países emergentes saiam fortalecidos da atual crise. Mas a tendência é que a China de fato conquiste maior participação do comércio global após esse período, enquanto o Brasil dificilmente deve conquistar um feito semelhante.

O que ocorre no Brasil é que há no país os melhores recursos, inclusive naturais, em grande quantidade. Mas, ao mesmo tempo, há muitas deficiências quando comparados a outros países emergentes, em especial a China e a Índia. O Brasil não passou por várias reformas, principalmente de regulamentações e revisão de impostos. “A carga tributária é alta demais e não há muita transparência no campo dos negócios. As instituições, as licenças, as agências do governo, tudo funciona muito devagar”, diz Cavusgil.

Um estudo do Banco Mundial mostra que o Brasil está na 123ª posição em um ranking que aponta questões relativas à competitividade e seriedade nos negócios, enquanto Hong Kong e Cingapura aparecem em primeiro e segundo lugares. Os Estados Unidos estão em 20°. Para o

MERCADO
US\$ 4,8 tri

Era o que representava o consumo da classe média do Brics em 2005.

US\$ 10 tri

É o cálculo de consumo da classe média do Brics em 2010.

US\$ 17 tri

É a expectativa de consumo da classe média do Brics para 2015.

professor da Universidade da Geórgia, isso mostra que o resto do mundo vê o Brasil como um lugar complicado para fazer negócios. “Não tanto quanto a Rússia, talvez, mas com muitos atrasos burocráticos e sem demonstrar interesse urgente em simplificar seus processos”, alerta.

Ao mesmo tempo, tem havido muita pressão das empresas chinesas para redução da burocracia e melhoria da eficiência no país, envolvendo aumento de transparência e eliminação da corrupção. “A China tem um modelo de comércio mais voltado para o exterior, o que não acontece no Brasil, e isso faz toda a diferença”, afirma Wilher, do Instituto Millenium. ■



CINCO PERGUNTAS A...



...ADRIANA ABDENUR

Coordenadora-geral do Brics Policy Center

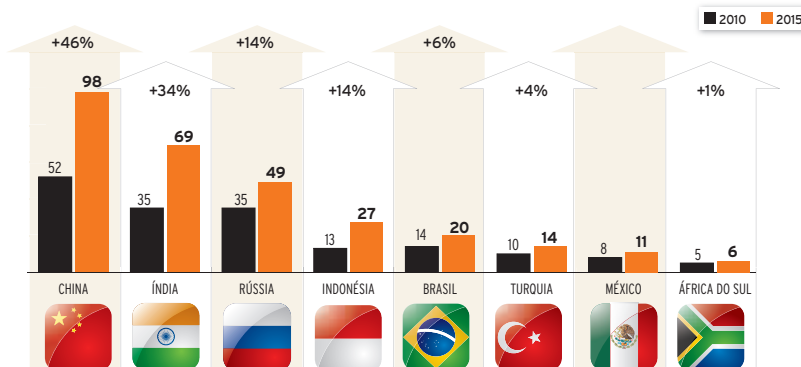
“Foco é catalisar ações, e não chamar novas siglas”

Vinte anos após a conferência Rio 92, a Rio+20, que acontece de 4 a 6 de junho de 2012, no Brasil, promete ter um peso diferente, já que está no cenário uma nova força: o Brics (sigla de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). A necessidade de criação de metas e indicadores comuns para este bloco deve ser um dos obstáculos para a consolidação de uma agenda única do grupo.

Existe a possibilidade de o Brics criar uma agenda única para o Rio +20?

EM ALTA

Aproximadamente 125 milhões de famílias vão ascender à classe média dos países emergentes até 2015, em milhões de famílias



Fonte: Cavusgil/Kardes 2011

LEIA MAIS

▶ O professor Tamer Cavusgil, da Universidade Estadual da Geórgia, aponta que os mercados emergentes têm mostrado persistência em seu crescimento econômico.

▶ Para Tamer, o Brasil aprimora mais sua imagem turística do que a condição de grande desenvolvedor de negócios e a área de educação do país não responde às suas necessidades.

▶ Estudo de Thelma Rocha, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), mostra que para 80% das franquias que atuam no exterior, nem 5% dos ganhos vêm de fora.

AFP

Dinamismo dos países emergentes alimenta ascensão social

Com o crescimento econômico, aumenta o número de pessoas que se muda para áreas urbanas centrais e conseguem empregos melhores

A atual condição da classe média nos países emergentes se reflete também na tomada de decisão das empresas em investir em determinado país

O dinamismo dos mercados emergentes, com novos focos de negócios, é o que tem permitido o largo crescimento da classe média nessas nações. Com a expansão econômica, aumenta o número de pessoas se mudando para áreas urbanas centrais e conseguindo empregos melhores nesses países. E o ponto positivo é que a maior parte das perspectivas para o cenário de crescimento dessa classe média dos emergente é otimista, com manutenção deste movimento para médio e longo prazos.

Segundo o professor Tamer Cavusgil, da Universidade Estadual da Geórgia, nos Estados Unidos, o ineditismo desse processo está no fato de que pela primeira vez essas pessoas não precisam mais se preocupar apenas com a satisfação de suas necessidades básicas. Por isso, a população começa a perceber que também tem recursos para suprir um estilo de vida, buscar um apartamento maior, com móveis melhores, um carro novo e matricular as crianças em escolas melhores. Mais do que isso: finalmente é possível pensar que boa parte das pessoas também começa a viajar nas férias e ter acesso a outras culturas e experiências distintas das vividas em seu cotidiano, o que antes era privilégio de poucos.

“É importante salientar que o crescimento da classe média é muito bom também por outras razões que não só a econômica: esse movimento pode significar melhores governos, mais liberdade de expressão e diminuição das desigualdades sociais”, afirma Cavusgil.

Além dessas questões, a atual condição da classe média nos países emergentes se reflete também na tomada de decisão das empresas em investir em determinado país. Por exemplo, embora Israel tenha a maior concentração de famílias de classe média entre as economias emergentes, com a maior concentração de poder aquisitivo, a dimensão total de seu mercado é pequena. Já na China ocorre o contrário. O país conta com o maior número de famílias de classe média entre os

emergentes, mas o poder aquisitivo não é tão alto.

Para mensurar essas diferenças, Cavusgil desenvolveu em parceria com Ilke Kardes, professor visitante da Universidade Estadual da Geórgia, um indicador chamado GSU-CIBER Middle Class Scorecard. O índice mescla dados de despesas, quantidade de famílias, população urbana e rendimento disponível das famílias. As informações são ponderadas e um índice agregado de classe média é calculado para cada país. O índice está disponível para 25 mercados emergentes. Cálculos estimados para os próximos quatro anos também foram realizados e classificados pelos pesquisadores. ■ **C.B.**

Melhora da atividade econômica impulsiona o consumo

Difícilmente teremos uma agenda única, mas o grupo pode buscar certas iniciativas comuns que levem a ações concretas. Parte dos desafios consiste em definir de forma mais clara o conceito de economia verde, que pressupõe uma compatibilidade do desenvolvimento socioeconômico, combate a pobreza e uso eficiente dos recursos naturais. A partir daí, o grupo, mesmo sendo heterogêneo, pode começar a discutir interesses comuns.

Recentemente, o Brics fez a primeira medida como um potencial bloco, com a integração das bolsas do países. O que ainda limita a expansão de acordos?

É verdade que o agrupamento ainda é embrionário, mas começamos a ver ações conjuntas em outras áreas também, como a votação sobre as sanções à Síria. China e Rússia votaram contra e os demais se abstiveram. Esse padrão de votação indica uma posição comum entre os países. Mas ainda temos falta de coordenação, especialmente no que diz respeito a cooperação

econômica. O Brasil tem contenciosos com a China, por exemplo.

Qual o potencial de entrada de novos países no grupo?

Há muito interesse de outros países emergentes. A Hungria, por exemplo, vem fortalecendo sua relação com os cinco países. A tendência é que qualquer novo movimento aconteça quando o Brics conseguir articular posições e traçar ações concretas. Mas o debate é como catalisar o posicionamento comum desses países. Afinal, não adianta só aumentar o grupo incluindo mais um país na sigla.

E qual país tem mais potencial de assumir a liderança?

Por enquanto, o Brasil tem tentado exercer uma função de liderança dentro do Brics, mas sem muito êxito.

Qual é a diferença do bloco do Brics para outras tentativas de união que já aconteceram, como o movimento Sul/Sul, entre as décadas de 1980 e 1990?

O Brics tem uma orientação mais pragmática e menos ideológica,

“

Por enquanto, o Brasil tem tentado exercer uma função de liderança dentro dos Brics, mas sem muito êxito

por isso não há nenhum grande antagonismo entre os cinco países e os grandes industrializados, como Alemanha e Holanda, por exemplo, que vêm demonstrando interesse em ampliar seu relacionamento com os cinco países. E o motivo é que as possibilidades de negociação Norte/Sul se esgotaram por falta de política ou recursos. Já o Brics está relativamente bem. E mesmo não sendo contra o Norte, busca alternativas olhando para outros países emergentes. ■ **Regiane de Oliveira**

DESTAQUE **ASCENSÃO EMERGENTE**ENTREVISTA **TAMER CAVUSGIL** Professor da Universidade Estadual da Geórgia

Brasil precisa melhorar sua imagem na área de negócios

Para professor, o país não mostra em que área tem capacidade de ser líder além da relacionada a commodities

Cláudia Bredarioli

cbredarioli@brasileconomico.com.br

Crítico à postura brasileira apresentada no âmbito do comércio internacional, o professor Tamer Cavusgil, da Universidade Estadual da Geórgia, aponta que o Brasil aprimora bem mais sua imagem turística do que a condição de grande desenvolvedor de negócios. Segundo ele, são necessárias mudanças radicais para que o país aproxime-se da estrutura que, por exemplo, a China tem criado para incrementar sua atuação global.

O crescimento econômico dos mercados emergentes simultâneo à crise nos países centrais pode apontar para mudanças na ordem capitalista atual?

Os emergentes têm mostrado persistência em seu crescimento econômico. Isso começou com o processo de abertura de muitos mercados, legalizando o comércio, ampliando as negociações e, consequentemente, o consumo. Esses países entraram de vez na dinâmica de construir uma indústria mais sólida, modernizar-se como nações, e alguns — especialmente na Europa — adotaram as privatizações para acelerar esses processos. Tudo começou em meados dos anos 1980, principalmente na Ásia, com Coreia, Filipinas e Tailândia, entre outros. Também vimos esse modelo ser adotado na América Latina, em alguns países da África e até mesmo na Ásia central. Eles decidiram que a melhor maneira de sustentar-se economicamente seria por meio de um sistema de livre mercado.

Isso significa diminuir o tamanho do estado?

Isso envolve rever as regulamentações. O estado tem de dar espaço para a economia.

A Europa fez o mesmo?

Na Europa houve uma corrida para que todos estivessem dentro do 'club'. Isso incentivou que os países sem disciplina para administrar suas economias acabassem tomando dinheiro emprestado demais sem pensar que teriam que pagar de volta. Agora está claro que é preciso haver um limite para o quanto é possível emprestar.

E agora está na hora de devolver esses empréstimos...

Agora está na hora de pagar por

“

A área de educação no Brasil é grande, com muitas universidades, mas isso não responde às necessidades do país, não forma quadros técnicos suficientes

isso, mas os países não estão conseguindo. Os credores vão dizer: 'apostar em você não é mais um bom risco, o dinheiro acabou'. Isso pode ocorrer não só na Grécia, mas em Portugal, na Espanha, na Itália, na Irlanda. Em todos esses países é fácil identificar uma espécie de gasto irresponsável que deu muitos benefícios às empresas. Vai levar muito tempo para que esses países consigam pagar de volta tudo o que tomaram.

Os países que o sr. aponta para estarem 'um passo à frente' fizeram um grande investimento para transformar seus sistemas educacionais. É possível perceber a mesma iniciativa nos emergentes?

A área de educação no Brasil é grande, com muitas universidades, mas isso não responde às necessidades do país, não forma quadros técnicos suficientes. Já na China há um enorme investimento em educação. E isso é um diferencial. Há muitos chineses estudando nas melhores universidades americanas. É preciso formar pessoas que se sintam confortáveis em fazer negócios em qualquer lugar do mundo, falem vários idiomas, especialmente o inglês.

Isso prejudica a imagem brasileira para o comércio?

O Brasil é largamente querido em termos de mercado consumidor. Só que, enquanto a China tem se tornado um grande centro manufatureiro e a Índia se destaca no segmento de tecnologia da informação, o Brasil não mostra em que área tem capacidade de ser líder a não ser nas relacionadas às commodities. Claro que o Brasil é um centro de excelência em petróleo,

Os mercados emergentes têm mostrado persistência em seu crescimento econômico



Rodrigo Capote

“

É preciso que se reconheçam as celebridades econômicas brasileiras, não só as relacionadas ao futebol

em minerais e em grãos. A Embraer é uma exceção. A Natura é outra. Mas a lista de empresas brasileiras com forte imagem no exterior é muito pequena e, por isso, o resto do mundo simplesmente não sabe o que o Brasil é capaz de fazer.

Quais são os pontos positivos da imagem do Brasil como lugar de negócios?

Em relação à imagem nacional, o Brasil tem uma excelente percepção, muito melhor do que a chinesa, a indiana ou a turca. Neste ranking o Brasil está entre os 20 melhores, o que é mundo bom. O problema é a imagem corporativa, ninguém sabe listar várias empresas brasileiras. O Brasil é conhecido por sua cultura, suas pessoas, suas belezas naturais e seu petróleo. Mas isso não é suficiente. O Brasil tem capacidade, mas não a utiliza. É preciso ação. O jeitinho brasileiro é antiprodutivo. O Brasil exporta jogadores de futebol, mas não executivos. Ninguém conhece um grande executivo brasileiro. Mas eles existem. É preciso que se reconheçam as celebridades econômicas, não só as relacionadas ao futebol. ■

DESEMPENHO
Crise passa ao largo dos países emergentes

Tamer Cavusgil percebe que, afinal, os países emergentes passaram a agir simultaneamente a uma condição global favorável. "Por isso agora vemos essas nações crescendo estrondosamente mais do que os países ditos desenvolvidos, que sequer têm mostrado crescimento — ou até mesmo registram desempenho negativo", diz. Nos países centrais, o professor nota que as companhias estão temerosas de investir por demonstrarem pessimismo em relação ao futuro. "Todos estão guardando seu dinheiro em vez de gastar. Em resumo, ninguém está se mexendo nesses países". Segundo ele, a queda de desempenho dos países ricos não se reflete na Coreia do Sul ou na América Latina. "A Rússia está sofrendo, mas por questões que não estão relacionadas à situação econômica e sim às mudanças políticas e aos novos desafios que o país enfrenta." ■ **C.B.**

O Boticário: uma das franquias que atuam fora do Brasil



Divulgação

Fragilidade empresarial dificulta internacionalização

Apenas 10% das empresas de franchising brasileiras que atuam no exterior têm perto de 30% do seu faturamento proveniente de fora do país

A ideia de que o Brasil constrói sua marca para o turismo e não para os negócios foi comprovada pela pesquisadora Thelma Rocha, da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ES-PM), em um estudo para avaliar o desempenho das franquias brasileiras que atuam fora do país. “As franquias não usam a marca do Brasil no exterior e tampouco se sentem amparadas ao se aventurarem em outros mercados”, diz.

Esse cenário leva a resultados escassos para as companhias brasileiras. Apenas 10% das empresas de franchising nacionais que atuam fora do país têm perto de 30% do seu faturamento proveniente dos negócios no exterior. Para 10% o percentual é de 15%. Enquanto a maioria, 80%, diz que o volume movimentado

fora do Brasil não chega a 5% do total da operação.

Segundo o professor Tamer Cavusgil, uma razão que dificulta às empresas brasileiras irem para fora é justamente o fato de o mercado doméstico ser muito forte. Cavusgil aponta que a quantidade de subsidiárias brasileiras pelo mundo é pouco maior que um cento. “Impossível comparar às companhias chinesas que povoam outros países”, diz.

Para ele, o Brasil precisaria fortalecer seus centros industriais de excelência em áreas intensivas, definindo áreas prioritárias e, especialmente, recebendo apoio do governo para atuar lá fora. “O que se vê é que o governo precisa se tornar parte dos agentes econômicos, como ocorreu na Coreia do Sul. No Brasil muitas vezes o governo e a indústria não são aliados”, afirma, acrescentando que há tantas indústrias chinesas na África justamente porque o governo foi para lá junto com elas. ■ C.B.

PELO MUNDO

Franquias brasileiras em atuação fora do país

São **68** redes mais de **700 unidades** no exterior

PRINCIPAIS SETORES	
Beleza e cosméticos	21%
Alimentação	19%
Escolas de idiomas e treinamento	15%
Vestuário	15%
Calçados e acessórios	10%

PRINCIPAIS DESTINOS

Portugal, América Latina, Estados Unidos

VOCÊ JÁ VIU ALGUÉM SE DESTACAR POR SER IGUAL A TODO MUNDO?

CHEGOU CHEVROLET CRUZE.

Aproveite. Venha conhecer e fazer um test drive do Chevrolet mais vendido no mundo. A CHEVROLET FAZENDO O NOVO, DE NOVO.

Respeite a sinalização de trânsito.

Consulte uma concessionária ou o site Chevrolet para obter informações sobre as versões e configurações disponíveis. Preserve a vida. Use cinto de segurança. Os veículos Chevrolet estão em conformidade com o Programa de Controle da Poluição do Ar por Veículos Automotores - PROCONVE.

CHEVROLET